

A visibilidade de todo céu

Luís Eustáquio Soares¹

Resumo: Estudo sobre Lezama Lima a partir do conceito de anacronia. Procura-se também fazer uma confluência com Aleijadinho, o barroco e a utopia.

Palavras-chave: Lezama Lima. Aleijadinho. Barroco. Utopia. Lepra.

Este ensaio, na verdade, é a conclusão de minha Tese de Doutorado, “José Lezama Lima: anacronia, lepra, barroco e utopia”, a partir da qual analiso a poética (poesia, narrativa e ensaística) do poeta cubano José Lezama Lima (1910-1976), usando como referência o conceito de anacronia (que aqui não tem valor negativo, mas de um, ou vários, passados esquecidos, que, como espectros, desvelam outros e inusitados presentes e outros e inusitados futuros); de lepra (conceito que recupero do brasileiro Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, usando-o como metáfora de nossa diferença latino-americana, nossa capacidade de nos espalharmos pelos espaços e tempos do mundo, como a lepra pelo corpo); de utopia (a qual, tensionada com a anacronia, pressupõe a possibilidade de um ou vários impossíveis, a projeção e a afirmação banqueteal de alteridades); e de Barroco (período que considero referencial na História da modernização do Ocidente, pois apresenta o Ocidente capitalista como fundamentalmente crítico, proliferante e que, embora sempre tenha querido ser totalizador, valer como modelo para toda humanidade, não conseguiu, e não consegue, deixar fazer escapar, de seus poros, vozes dissonantes, outros modos de ser e de estar, e de fazer-se no mundo, como nos mostra a poética do cubano José Lezama Lima, aqui esboçada).

Lo que se oculta es lo que nos completa y es la plenitud en la longitud de la onda. El saber que no nos pertenece y el desconocimiento que nos pertenece forman para mí la verdadera sabiduría. (Confluência, p. 439)

¹ Professor do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo.

1- A diferença como compensação

Em sua última entrevista, concedida a Jesús Díaz-Caballero², respondendo a uma pergunta sobre a singularidade da literatura latino-americana, Ángel Rama faz a seguinte digressão:

En ese campo creo que ha habido demasiados intentos de defender la singularidad como quien defiende el barrio propio. Hay una frase muy bonita que citaba Bergamín, quien fue mi maestro, que decía: “el patio de mi casa es particular, cuando llueve se moja como los demás.” Yo creo que la literatura latinoamericana forma parte de un vasto territorio que se llama “las literaturas”, y no se va a encontrar que los tropos son diferentes en las literaturas americanas, que en las literaturas europeas. Yo querría que alguien me probara semejante dislate. Es decir, no se puede estar procurando de tal modo la segmentación de nuestra literatura del conjunto de las literaturas mundiales⁴.

Na verdade, o primeiro indício de uma crise institucional se inscreve, sob o ponto de vista teórico, precisamente no momento em que começamos a teorizar sobre o próprio de uma discursividade, lançando o olhar crítico, auto-reflexivo, para a estrutura interna de sua identidade, procurando, assim, delinear seus limites, seu passado, seu presente e seu futuro, e problematizando o domínio de seu saber, a validade de seu paradigma cultural.

158

A discussão atual sobre nós mesmos, nossas peculiaridades culturais, sociais, políticas e econômicas, inscreve-se no horizonte de uma crise narcísica a respeito de nossa própria singularidade, como povos marcados por histórias comuns.

Tendo como referência o final do século XIX, até a primeira metade do século passado⁵, tínhamos muito mais a preocupação em nos afirmarmos como diferenças do que questionarmos a nós mesmos, como alteridade e especificidade histórico-cultural.

No entanto, lançando um olhar mais longe, no tempo, podemos perceber que nossa mais recente crise de identidade é muito

² Cf. DÍAZ-CABALLERO. Ángel Rama o la crítica de la transculturación. In.: *Ángel Rama y los estudios latinoamericanos*. Pittsburgh: Universidad de Pittsburgh, 1997, p.325-343.

⁴ “Nesse campo, creio que houve muita intenção de defender a singularidade como quem defende o bairro próprio. Existe uma frase muito bonita que citava Bergamín, que foi meu professor, e dizia: *o pátio de minha casa é particular, quando chove molha como os demais*. Eu creio que a literatura latino-americana forma parte de um vasto território que se chama *as literaturas*, e não é possível dizer que nossos tropos são diferentes, comparados com as literaturas européias. Eu queria que alguém me provasse semelhante disparate. Quero dizer que não se pode estar investindo em tal modo de segmentação de nossa literatura, pois ela não se separa do conjunto das literaturas mundiais.” Cf. *Ibidem*, p. 336.

mais antiga, e mesmo nos marca desde o primeiro período da colonização portuguesa e espanhola.

Paradoxalmente, o apogeu colonizador de Espanha e de Portugal, com a exploração do continente americano, não durou muito, pois Inglaterra, Holanda e França, se aproveitando inclusive dos erros e contratempos desbravadores de Portugal e de Espanha, como iniciadores da expansão européia⁶, imediatamente superaram o domínio colonizador da Península Ibérica, instituindo, sobretudo nas colônias, uma crise agônica, no que diz respeito às nossas elites, de identidade nacional, antropológica, e mesmo civilizacional.

Como não poderia deixar de ser, o estado de perplexidade de nossas elites, e sua condição de exílio interno, teve e tem repercussões na imagem que procuramos confeccionar sobre nós mesmos, pois ora nos achamos singulares, e então a miscigenação, a suposta preguiça para o trabalho e a nossa suposta aptidão para as artes, e pulsões libidinais, são exaltadas como signos positivos, ora, de acordo com as circunstâncias econômicas da conjuntura internacional, nos transformamos em bárbaros, mal educados, inaptos e atrasados em relação ao compasso civilizatório ocidental⁷.

Ou então, o que é mais comum, esses dois pólos antinômicos podem conviver no mesmo tempo histórico, sendo apropriado por esse ou aquele segmento de acordo com as tendências mais gerais, no contexto mundial. No entanto, de um modo ou de outro, sempre nos preocupamos em problematizar nosso próprio devir, sempre fomos, para nós mesmos, auto-reflexivos, o que nos torna, por excelência, sujeitos históricos em eterno estado de crise.

Por outro lado, para além das disputas, por poder e por riqueza, entre os países europeus, a modernização ocidental parece que tem na crise, em seu modelo auto-reflexivo, o fundamento de seu

⁵ Sobre esse aspecto, é bastante esclarecedor o texto "O discurso ideológico sobre a América", que compõe o terceiro capítulo de *O realismo maravilhoso*, de Irlemar Chiampi. Cf. CHIAMPLI. "O discurso ideológico sobre a América". In: *O realismo maravilhoso*. São Paulo: Perspectiva, 1980, p. 96-123.

⁶ Contrariando a tese de Weber, que atribuiu o atraso sócio-econômico-cultural dos países colonizados por Portugal e Espanha à tradição católica desses últimos, o brasileiro Celso Furtado considerou que os dois países, como iniciadores da empresa colonial européia, perderam terreno político, social e econômico justamente porque começaram primeiro, seja porque se enriqueceram rápido, perdendo, com tal enriquecimento, a potência para continuar inovando, seja porque permitiram que a concorrência de outros países europeus se fortalecesse a partir mesmo de seus equivocados de iniciantes. Cf. FURTADO. *Formação Econômica do Brasil*, p. 7-41.

⁷ Cf. SOARES. "América Latina: uma história cultural de antinomias". In: *Fundação, Barroco e Alteridade em A expressão americana, de José Lezama Lima*. Dissertação defendida em Belo Horizonte, UFMG, Faculdade de Letras, 1996, p. 22-29.

estatuto civilizatório, de tal maneira que o que chamamos, hoje, de sociedade de mercado (burguesa e urbana) encontra no período do Barroco⁸, séc. XVII e XVIII, um verdadeiro paradigma, uma vez que o Barroco datado constituiu o primeiro grande período conturbado, e crítico, da História do Ocidente, do século XVI para cá.

O Barroco traz, em si mesmo, o signo de uma civilização auto-reflexiva, e seu modelo estético-social, fundado na ambigüidade (com o jogo tensionado entre o claro e o escuro, o céu e a terra, o corpo e a alma, a Reforma e a Contra-Reforma), representa, a meu ver, bem mais que uma questão de época, pois instaura, metaforiza e projeta o devir conturbado da própria modernização ocidental, a qual, de igual modo, faz do dilema, da afirmação e da negação, da inclusão e da exclusão, a sua mais forte referência processual.

O estatuto de crise do Barroco, desse modo, diz mais sobre a modernização ocidental que sobre si mesmo, projetando o traço inerente de uma conjuntura histórica de muito maior impacto, e que atravessou os séculos, sendo hoje planetária, se considerarmos a nossa insistência crítica, em crise, com relação ao uso do prefixo “pós”, preocupados que estamos em afirmar o paradigma de um outro suposto período civilizacional, o pós-industrial, o pós-modernista, o pós-colonial, o pós-ocidental ou o pós-nação.

No entanto, como parte intrínseca do sistema, a crise deve possuir um sujeito de crise, uma espécie de bode expiatório, a fim de localizá-la e concentrá-la em um lugar sócio-geográfico específico, disfarçando, assim, sua potência sistêmica, sua importância capital para a movimentação axial da dinâmica do progresso e do lucro.

Muito especialmente a América Latina parece incorporar esse sujeito em crise, quando dramatiza, por exemplo, a esperança de dias melhores, num futuro incerto. Como se coubesse, a nós, latino-americanos, sofrer de uma crise específica, a de um presente eternamente adiado.

A meu ver, a América Latina tem sido o local por excelência da catarse da crise sistêmica da modernização ocidental, uma vez que aqui encenamos, talvez como nenhum outro lugar do mundo,

⁸ A esse propósito, Foucault, em *As palavras e as coisas*, elege o séc. XVII, o período do Barroco europeu, como corte epistêmico, mudança de paradigma que marca a sociedade contemporânea, com sua flutuação signica apontando para o universo de um mundo que se auto-engendra a partir de uma complexa rede discursiva, e representacional. Cf. FOUCAULT. *A prosa do mundo*, p. 13-60.

a purgação angustiante de dois afetos aparentemente contraditórios, o da tragédia de uma população marcada pelo signo da pobreza e da exclusão e o da utopia onipresente inscrita na promessa de um futuro paradisíaco.

A exclusão, é bom que se diga, associada à promessa utópica de inclusão não constitui um traço especificamente latino-americano, posto que faz parte do sistema como um todo, sendo uma estratégia ideológica utilizada para dissuadir e adiar a fruição de dias melhores.

No entanto, a América Latina resguarda e cultiva esses dois signos desde o início de sua colonização. Tendo o cristianismo como alegoria, especialmente a paixão de Cristo, e sua posterior ressurreição, o drama latino-americano insiste e persiste, como retorno sem fim ao Evangelho, como purgação medieval da dor de um Renascimento eternamente adiado.

Sob o ponto de vista cultural, e literário, a fabulação de nossa singularidade não deixa de ser uma forma utópica de compensar-nos, em relação à nossa condição de “alma-ventre” do mundo, nos inscrevendo num futuro utópico que nos faz distanciar de nosso presente, com seus dilemas e dificuldades.

A tragédia da exclusão de muitos, associada à insistência utópica de uma redenção sempre adiada, se tornou um signo que nos diz respeito, sendo parte constituinte de nossa inserção histórico-cultural, um referencial que tem sido utilizado, pelas nossas elites, para nos exilar do presente, mas que traz, em si mesmo, a potência de um povo cujo devir está marcado pelo desejo persistente em fazer-se outro.

2- A visibilidade do céu

Nesta dissertação, procurei mostrar como o poeta cubano José Lezama Lima, em sua produção poético-ensaística, inscreve-se e a um tempo supera a diferença cultural latino-americana, entendida como signo histórico compensatório, pois sua escritura fala a partir da dignidade poética de sua *quinta era imaginária*, imagem encarnada da persistência utópica do impossível.

Através da análise da prática escritural lezâmica, busquei evidenciar como a alteridade latino-americana vai se constituindo como

anacronia e utopia, mancha leprosa que, da adversidade, da crise, constrói um outro modelo de sociedade, na relação dialógica com a potência metamórfica inscrita na indistinção universal de tudo que é e tem sido, desde sempre, extemporâneo, “o estilo da pobreza”, em sua escrita vivida, apresentada, muito mais que representada, se espalhando por todo o rincão do mundo, deslocando e tensionando, a um tempo, o passado e o futuro da conturbada e excludora modernização ocidental.

Para situar Lezama Lima, no último capítulo desta tese, como poeta de sua quinta era imaginária, procurei reforçar, no decorrer dos capítulos anteriores, o seguinte argumento: a poética lezâmica, como “estilo da pobreza”, desloca-se em relação ao par inclusão e exclusão, primeiro e terceiro mundo, configurando e apreendendo o nosso devir de resistência sócio-cultural, pois tenta incorporar sua dinâmica, reescrevendo a sua linguagem, a um tempo trágica e utópica.

Através da obra lezâmica, procurei evidenciar que é voltando indefinidamente ao antes, como anacronia, que uma alteridade se inscreve como utopia, como sujeito, por excelência, do futuro, uma vez que, por ser, normalmente, recusada e desacreditada em seu presente, a alteridade reconstrói a memória passada de muitos outros lugares e tempos diferenciais, garantindo, assim, seu retorno sem fim ao horizonte do depois.

Para retomar as vozes dissonantes do passado, projetando-as para o futuro, a alteridade se espalha e se multiplica pelas brechas de seu presente, através do signo cultural da lepra, como metáfora de um mal que nos faz matar nossos narcisos individuais, abrindo-se ao impossível, a utopia anacrônica da força cultural humana, a qual, a partir de sua finitude e de sua precariedade, é capaz de projetar o infinito de possibilidades, para o passado, para o presente e para o futuro.

Inspirado pela poética lezâmica, evidenciei que a alteridade latino-americana (como vivência oblíqua) se constitui a partir da relação inseparável entre a tragédia de estar marcada pelo signo de uma História difícil (a do horizonte da exclusão) e principalmente pela necessidade de transcendê-la, de configurar novas e inusitadas possibilidades, a da ressurreição sem fim do pas-

sado e do futuro humanos, em cada presente vivo de seu devir histórico-cultural.

A meu ver, o sistema poético do mundo lezâmico inscreve, a partir do “vasto territorio que se llama *las literaturas*”⁹, a marcha da resistência leprosa latino-americana, figurando-a como “desdicha de la luz la voz se alzaba¹⁰” (1945), como “inimigo rumor” de uma luminosidade vital que se ergue, se faz transcendente, apesar, ou mesmo a partir da desdita de encarnar a crise geral do sistema, fazendo-se, assim, não só como alteridade insular, a latino-americana, mas principalmente como ponto que ilumina outros, como diferença que se constitui através da memória inconsciente inscrita no infinito de outras formas de resistir à morte de sua força vital.

Nesse sentido, procurei analisar a poética lezâmica como força vital marcada pelo signo da reversibilidade simbólica, pois, em sua escritura, um extremo sempre se transforma em seu contrário, a morte em vida, o finito em infinito, a impotência em potência, o mal em bem, a tragédia em utopia.

Assim, a partir desse impulso reversível, considere, no decorrer desta pesquisa, que a poética lezâmica transforma a tragédia em utopia, já que a dificuldade de viver como latino-americano, como colonizado, constitui, em sua poética, signo do “destino” de nossa resistência leprosa, encruzilhada histórico-cultural que nos torna, de *per se*, reversíveis, fortes porque frágeis, crônicos porque anacrônicos, utópicos porque tópicos, a própria imagem material da ressurreição, porque, a partir de nosso horizonte de opressão e de pobreza, nos transformamos em mancha leprosa de inusitados fantasmas culturais, políticos, econômicos e sociais.

Nos oito capítulos desta pesquisa, minha intenção foi a de pensar a produção ensaístico-literária lezâmica como inscrição imagética da mancha leprosa latino-americana, sistema de conhecimento poético da memória vital inscrita na dinâmica do outro sexual, político-econômico, cultural, geográfico, etário, animal, e mesmo mineral.

Em relação à onipresença espacial, temporal e sócio-cultural da resistência à toda forma de opressão, procurei mostrar que

⁹ “(...) vasto território que se chama as literaturas”. Cf. DÍAZ-CABALLERO. *Ángel Rama o la crítica de la transculturación*. (entrevista com Ángel Rama), p. 336.

¹⁰ “(...) desdita da luz a voz se alçava.”. Cf. LEZAMA LIMA. *Enemigo Rumor*, p. 49.

a poética lezâmica se delineia como “un Jupiter que no está de acuerdo con su ceguera¹¹”, e, por isso mesmo, projeta a visibilidade infinita da quinta era imaginária, a do devir latino-americano, como uma inflexão incondicionada da *vivência oblíqua* da vida resistindo, apesar de tudo.

Para mim, a escritura lezâmica expressa a herança anacrônica e utópica da maldição leprosa (a da morte de narcisos individuais, históricos, culturais, sociais e econômicos), indicando-nos que a multiplicidade só faz sentido se ressoar num mundo que não esteja “pronto e acabado”, preso às artimanhas ideológicas, à sua própria crise narcísica, mas que seja e se faça, antes de tudo, múltiplo, e mutante, como diferença afirmativa – não compensatória –, em relação dialógica com uma outra, como o suporte, a superfície estilhaçada da escritura lezâmica, *espacio gnóstico* da “visibilidad de todo el cielo¹²,” ressurreição infinita do antes no agora de seu movimento escritural, mostrando-nos, assim, que somos sujeitos (po)éticos de nosso passado, de nosso presente e de nosso futuro.

164

Minha preocupação fundamental, nos oito capítulos desta tese, foi a de realizar, enfim, um diálogo com o sistema poético do mundo lezâmico, a fim de explicitar a vitalidade da força utópica e anacrônica de sua mancha leprosa escritural, através da qual a alteridade latino-americana emerge como imagem da dissonância utópica, pois nos mostra que nada é definitivo, nem a opressão, nem a miséria e nem a morte, uma vez que, em cada instante de sua vida, a alteridade se inscreve como ressurreição simultânea do antes e do depois, como retorno de inusitados fantasmas, os quais, a partir do mesmo, comumente preferimos acreditar que estejam mortos e enterrados.

¹¹ LEZAMA LIMA. *Oppiano Licario*, p. 226.

¹² “(...) visibilidade de todo o céu.” Cf. LEZAMA LIMA. *Oppiano Licario*, p. 226.

Referências

BERGSON, Henri. *A alma e o corpo*. Trad. Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores)

JORGE, Fernando. *O Aleijadinho*. 4 ed. São Paulo: Livraria Exposição do Livro, 1966.

LEZAMA LIMA. *A expressão americana*. Trad. Irlemar Chiampi. São Paulo: Brasiliense, 1988. _____. *Poesía Completa*. 3.ed. Havana: Editorial Letras Cubanas, 1991.

_____. *La cantidad hechizada*. La Habana: Uneac, 1970.

_____. *Oppiano Licario*. La Habana: Editorial Arte y Literatura, 1976.

